CORREIO BRAZILIENSE

Publicado em 05/08/2024 - 05:56

DF registra alta em doações de órgãos

Doação de órgãos está em alta no DF

Média mensal de cirurgias para transplantes, no primeiro semestre de 2024, foi de 76 operações. Mantido esse desempenho, a expectativa é de que até dezembro se supere o maior número de intervenções do tipo desde 2009

» LETÍCIA MOUHAMAD
» NAUM GILÓ

Renascimento. Essa é a sensação vivida por pessoas que receberam órgãos, tecidos ou células por transplantes e que falaram ao **Correio**. No Distrito Federal, só nos seis primeiros meses deste ano, 456 pacientes tiveram a oportunidade. Mantendo-se a média mensal atual dessas cirurgias (76), a expectativa é que até dezembro se bata o recorde de tais intervenções médicas na região, alcançando o maior número desde 2019 **(veja quadro)**.

Em 2023, houve 839 transplantes, dos quais 40% foram de córnea, seguidos dos de medula óssea autólogos — quando as células provêm do próprio beneficiado —, e de rim, obtido com doadores falecidos. No total, registrou-se um aumento de 12,32% em relação ao ano anterior.

O aumento de transferências de órgãos é decorrente de fatores, como a melhora na logística de transporte especializado entre os estados, o maior esforço para identificar potenciais doadores e a efetivação do procedimento, caso exista o consentimento da família da pessoa falecida de quem será feita a extração. Essas constatações são do chefe da Unidade de Transplantes do Hospital Universitário de Brasília (HUB), o médico Guilherme Queiroz Arimatea.

Em relação às condições de envio, o especialista explica: "É uma corrida contra o tempo. O órgão, após ser extraído do doador, precisa ser implantado o mais rapidamente possível no receptor. Quanto menos se espera, melhor é o resultado do transplante. No caso do coração, é ideal que o implante seja realizado em até quatro horas (após sua retirada do organismo em que estava)". Ele comentou que situações que envolvem rins devem ser resolvidas em até 48 horas.

Para agilizar essas operações médicas especializadas, em 2015, foi estabelecida uma parceria entre o Departamento de Trânsito (Detran-DF), a Secretaria de Saúde do DF (SES), a Polícia Militar (PMDF), o Corpo de Bombeiros Militar (CBMDF) e o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). Até junho deste ano, foram realizados 23 envios dessa natureza a partir de outros estados para o DF.

Lista única

Atualmente, há 1.574 pessoas na fila de espera de transplantes do DF. Metade delas, pacientes renais. Na região, o Sistema Único de Saúde (SUS) realiza transplantes de coração, fígado, rins, córneas e de medula óssea. A rede privada também atende esses casos e além dos que envolvem tecido ósteo-condro-fascio-ligamentoso, associado a tratamentos ortopédicos.

Na capital federal, o processo de doação de órgãos segue diretrizes estabelecidas pelo Sistema Nacional de Transplantes (SNT), coordenado pelo Ministério da Saúde. Independentemente do paciente estar internado em um hospital público ou privado, todos os receptores são incluídos na mesma lista de espera nacional.

O acesso igualitário ao transplante é orientado por diretrizes médicas e critérios estabelecidos pelo SNT. Segundo o Ministério, algumas condições determinantes na organização da fila de transplantes incluem: impossibilidade total de acesso para diálise (filtração do sangue), no caso de doentes renais; insuficiência hepática aguda grave, para doentes do fígado; necessidade de assistência circulatória, para pacientes cardiopatas; e rejeição de órgãos recentemente implantados.

Conforme detalha o médico nefrologista Elber Rocha, especialista em transplantes e coordenador do Programa de Transplantes do Grupo Santa, as doenças que mais levam à necessidade de operações nos pacientes com que trabalha são: doença renal crônica, cirrose hepática, hepatite fulminante, insuficiência cardíaca, enfisema e fibrose pulmonar, diabetes mellitus, ceratocone (deformação progressiva da córnea), leucemias, linfomas e algumas doenças genéticas.

"O transplante de órgãos, como um rim, não é uma garantia de cura, mas, sim, uma opção de tratamento que pode melhorar, significativamente, a qualidade de vida do paciente. Pessoas que recebem um transplante precisam tomar medicamentos imunossupressores para evitar a rejeição do órgão transplantado", explica Rocha.

Transplantada

Há pouco mais de um ano que Eliéte Oliveira, 52 anos, diz haver "renascido", após receber um novo fígado. Ela sofria de hepatite autoimune e colangite biliar, condições que tentou equilibrar, ao longo de 20 anos, com medicamentos. "Mas chegou o momento que não deu mais para tratar. O corpo não funcionava direito. Eu estava amarela, com feridas na pele, não dormia bem, e os rins e o intestino não funcionavam direito", recorda.

Nesse momento em que a aposentada foi colocada na lista do SUS. Como seu caso era urgente, em 14 dias entrou no centro cirúrgico. "Transplante não é a cura, mas é fundamental para a sobrevivência. Passamos o resto da vida tomando medicamentos imunossupressores e ficamos mais vulneráveis a outros tipos de infecção, devido ao sistema imunológico debilitado", explica Eliéte.

Ela considera o transplante como um momento de renascimento. "Quando a gente leva uma 'lambida da morte', a gente começa a dar valor às coisas certas. Impossível não mudar completamente após o transplante", revela.

Atualmente, Eliéte pratica corrida de rua, musculação, natação e espera uma vaga para começar a treinar tiro com arco, modalidade pela qual pretende competir na Olimpíada dos Transplantados, que ocorrerá em agosto do ano que vem, na Alemanha. "Exercício físico passa a ser uma condição de vida, até para cuidar do emocional. Depressão, excesso de peso e sedentarismo são condições que podem levar à rejeição do órgão recebido", destaca a moradora de Candangolândia.

Aos que ainda questionam a idoneidade do processo de doação de órgãos, Eliéte, que integra o Instituto Brasileiro de Transplantados, avisa: "Tive minha vida salva por uma família que, em meio à dor da perda de um ente querido, disse sim ao transplante. Procurem se informar, por meio do instituto. Não existe essa de furar a lista de espera do SUS".

Importância da doação

Para explicar o significado de um transplante, Andréa Mesquita, 57, é sucinta: "Vida". Ela defende que haja campanhas bem elaboradas para informar a população sobre a importância da doação de órgãos. "As pessoas ainda têm esperança de que parentes com morte cerebral possam voltar à vida, algo que é impossível. Um 'sim' para a doação de órgãos pode salvar várias vidas", observa.

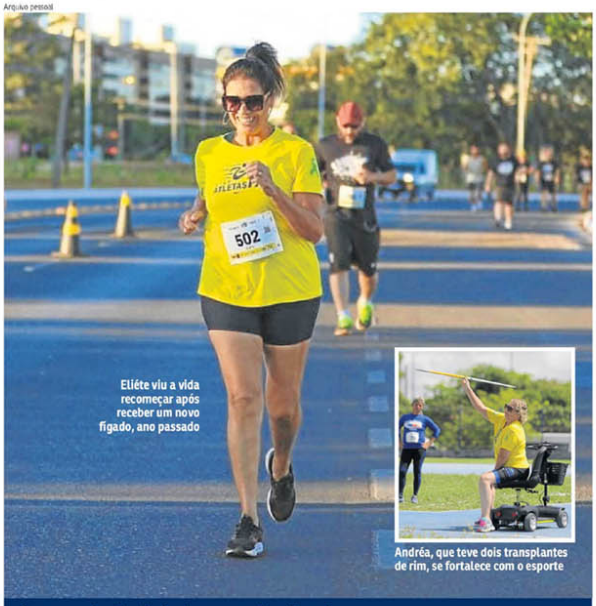
Andréa recuperou sua saúde, duas vezes, por doações, ambas de rim, em 1998 e 2016. O que a levou aos procedimentos foi o fato de os médicos não conseguirem identificar qual era o mal renal que a acometia há 26 anos. Além disso, uma biópsia seria muito agressiva devido ao estado em que se encontrava. Assim, um transplante era a única opção. Foram oito meses esperando pela sua vez, período em que teve que fazer diálise. "Emagreci muito. Cheguei a pesar 50 quilos, sendo que tenho 1,70 de altura", relata.

Devido aos tratamentos de saúde da época, o rim transplantado tinha menor resistência. O órgão, que recebeu em 1998, funcionou até 2009. A partir daí, foram mais sete anos de espera por um novo, e um sem-fim de sessões diárias de diálise. Porém, inexplicavelmente, em 2012, ela perdeu a capacidade de caminhar, passado a usar uma cadeira de rodas.

Foi graças ao segundo transplante, em 2016, que Andréa voltou às atividades físicas, que havia deixado de lado por 18 anos. "Naquela época, não havia o incentivo para a prática de exercícios físicos para transplantados. Mas, hoje, estou ótima. Faço musculação, arremesso de peso e lançamento de dardo", conta Andréa, que integra a Liga Brasil de Atletas Transplantados.

Paralelamente à adesão aos esportes, outros cuidados devem ser mantidos após o recebimento de um órgão, como: uso de medicação específica, exames e checagens de saúde regulares, higiene rigorosa, alimentação saudável, vacinação em dia, atenção especial à pele e redução de contato com pessoas com doenças infecciosas.

Arquivo pessoal



Eliéte viu a vida recomeçar após receber um novo fígado, ano passado

Andréa, que teve dois transplantes de rim, se fortalece com o esporte

Quero ser doador de órgãos, o que devo fazer?

» Há dois tipos de doador, vivo ou falecido. O primeiro caso contempla todos os que concordam com a doação, desde que isso não prejudique sua saúde. O doador vivo pode repassar um dos rins e partes do fígado, da medula óssea ou do pulmão. Pela lei, parentes até o quarto grau e cônjuges podem fazê-lo. Não parentes, só com autorização judicial.

» Doadores falecidos - termo atribuído a vítimas de lesões cerebrais irreversíveis, com morte encefálica comprovada pela realização de exames clínicos e de imagem. A legislação brasileira determina que a doação de órgãos e tecidos, após o falecimento, só pode ser realizada com o consentimento explícito dos familiares. Mesmo que a pessoa tenha manifestado em vida o desejo de doar e isso conste em algum documento, a autorização da família é obrigatória.

» Recentemente, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) encabeçou uma iniciativa para que a manifestação de doar órgãos seja registrada em cartórios em todo o país. Mesmo nesse caso, segue valendo a obrigatoriedade de obter a autorização da família para concretizar a doação.

Nº de transplantes no DF

2019	732
2020	522
2021	709
2022	746
2023	839
2024*	456

*referente ao primeiro semestre

Órgãos transplantados no DF

	2019	2020	2021	2022	2023	2024 (Jan a Jul.)
Coração	29	22	25	32	34	20
Fígado	91	100	100	108	121	71
Rim (doador vivo)	24	13	36	34	39	14
(doador falecido)	62	64	67	66	103	54
Córnea	409	222	360	311	338	182
TMO (autólogo*)	89	82	97	142	160	81
(alogênico**)	28	19	24	53	44	34

* transplante de medula óssea provido pelo próprio transplantado
** transplante de medula óssea obtido com outro doador

Fonte: Secretaria de Saúde

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Copyright © Clipclap 2025.